

MULHERES QUE NÃO AGRADAM¹

WOMEN WHO DON'T LIKE

Bruna Ribeiro Navarro Zanatoⁱ

RESUMO: Este artigo aborda o cotidiano das mulheres acadêmicas do curso de pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) no contexto da pandemia da covid-19: trabalho e estudo e suas dificuldades. A pesquisa está embasada teoricamente na conceitualização de violência simbólica, de Pierre Bourdieu, e de sobrecarga da mulher na sociedade patriarcal, de Bell Hooks. Na metodologia utilizamos abordagem qualitativa definindo como campo de pesquisa a UNEMAT, campus de Sinop, com 13 acadêmicas, a pesquisa foi realizada no ano de 2021, os resultados da pesquisa mostram grandes dificuldades em equilibrar os efeitos da pandemia na vida das acadêmicas.

Palavras-chave: Mulheres. Estudo. Trabalho. Patriarcado. Pandemia da Covid-19.

ABSTRACT²: This article addresses the daily lives of academic women from the pedagogy course at the State University of Mato Grosso (UNEMAT) in the context of the covid-19 pandemic: work and study and their difficulties. The research is theoretically based on the conceptualization of symbolic violence, by Pierre Bourdieu, and the overload of women in a patriarchal society, by Bell Hooks. In the methodology, we used a qualitative approach, defining UNEMAT, Sinop campus, as a research field, with 13 academics, the research was carried out in the year 2021, the research results show great difficulties in balancing the effects of the pandemic on the lives of academics.

¹ Este artigo é um recorte do trabalho de conclusão de curso intitulado “A VIVÊNCIA DAS MULHERES ACADÊMICAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19: TRABALHO E ESTUDO”, sob a orientação da Profa. Dra. Sandra Pereira de Carvalho, Curso de pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2023/2.

² Resumo rraduzido pela Professora Juliane Costa Almeida, licenciada em Letras (língua portuguesa e língua inglesa) na UNEMAT / Câmpus Universitário de Tangará da Serra.

Keywords: Women. Study. Work. Patriarchy. Covid-19 Pandemic.

1 INTRODUÇÃO

A Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus de Sinop, oferece seu curso de licenciatura plena em Pedagogia de forma presencial desde 1999. Porém, com a chegada da pandemia de Covid19 em 2020 de maneira abrupta e avassaladora, as acadêmicas de pedagogia tiveram que conviver com o isolamento social, e a realidade educacional do curso de Pedagogia, que antes se fazia presencialmente, se fez a distância. Alteraram a modalidade do curso para o formato *online* remoto, no qual professores e acadêmicas tiveram o desafiador trabalho de se verem não mais presencialmente, mas somente por tela. Seja nos aparelhos celulares, computadores ou *tablets*, a vida acadêmica passou a ser em seus próprios lares, com ajuda de ferramentas digitais como *Google meet*, *Zoom*, ou mesmo na própria ferramenta disponibilizada pela universidade: a plataforma do *Sigaa*.

A importante luta vivenciada pela mulher acadêmica nunca foi uma luta visível. Para aqueles que não vivenciam o cotidiano de ser mulher estudante e trabalhadora, durante a pandemia da covid19, se acentuaram os desafios dessas mulheres com a rotina alterada da vida pessoal e acadêmica. Dentro da mudança do ensino presencial para o ensino remoto, com aulas *online*, as vivências do isolamento social, as novas regras de convivência humana, utilização de máscaras, distanciamento físico das pessoas, fizeram o dia a dia dessas acadêmicas um desafio ainda maior do que a cadeia do patriarcado de sempre, seja nos estudos ou no trabalho.

Este artigo visa refletir, demonstrar e analisar as vivências e dificuldades que as mulheres como acadêmicas de Pedagogia da UNEMAT, Campus de Sinop, enfrentaram no contexto da pandemia de Covid-19, entre 2020 e 2021, no âmbito de trabalho e estudos. Para tanto, fizemos um levantamento de dados do questionário com as acadêmicas do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNEMAT em 2021.

Nas sessões seguintes, serão apresentados o referencial teórico, metodologia, resultados e considerações finais da pesquisa realizada com as acadêmicas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

As acadêmicas de pedagogia da UNEMAT/Sinop enfrentaram mudanças em suas vidas em suas rotinas e cotidiano, as quais foram transformadas por uma incerteza contemplada pela pandemia da covid19. Devido às mudanças acadêmicas para o formato de aulas *online* de forma remota, tiveram de se adaptar a essa nova realidade imposta pelo surto mundial da doença, em um período onde a ciência desconhecia esse inimigo mortal e principalmente como acabar com ele ou mesmo criar imunizantes o mais rápido possível para a população ter de volta suas vidas na normalidade. Rocha e Quintão (2020) pontuam também que:

O sistema educacional também precisou se reordenar perante a pandemia. Em poucos meses, os diversos níveis de escolaridade se encontraram na obrigação de adaptar as práticas e metodologias de ensino, criando-se novas possibilidades para a educação, evitando aglomerações em escolas e instituições de ensino superior, posto que, no momento o distanciamento social é a principal medida para a redução do contágio do vírus. Nota-se a preocupação do sistema educacional com o novo vírus, o mesmo, reinventa-se para adaptar à nova demanda (Rocha; Quintão, 2020, p. 4).

As aulas remotas se tornaram parte de um aglomerado de responsabilidades somadas dentro das rotinas das mulheres acadêmicas da Universidade do Estado de Mato Grosso. O estudo se tornou mais trabalhoso do que quando presencialmente, pois era realizado com mais “facilidade” dentro das tarefas do cotidiano de cada acadêmica, principalmente para as mulheres que são mães de família, que conduzem uma rotina de cuidados com o lar. Essas mulheres não trocaram seus afazeres com os homens, a elas ainda hoje é imposto de maneira implícita a violência simbólica que o patriarcado constrói para elas, onde as mulheres são conduzidas a agirem de maneira subalterna com suas atitudes e falas, sempre à disposição dos cuidados do outro, mesmo antes de terem o direito de acesso à universidade:

A mulher era considerada como o “sexo frágil” e foi designada para o mundo privado, ou seja, dedicada aos cuidados domésticos e maternos. Com base em uma suposta “natureza delicada e sensível”, foi colocada a uma posição culturalmente inferior. O homem, pelo contrário, possuía qualidades consideradas superiores. (Pereira; Favaro, p. 5530).

O patriarcado é, portanto, um problema contínuo das mulheres nessa sociedade. Na atualidade ainda não há “terra” em que uma mulher ou mesmo um homem podem viver sem a influência do mesmo (patriarcado). Ainda assim, de maneira implícita, ele (patriarcado) estará vivo e de maneira enraizada controlando ações de todos, principalmente dos homens em relação às mulheres, trazendo uma discussão de que podemos tomar decisões pequenas ou mínimas com a influência dele, de maneira a sermos meras marionetes de um sistema contínuo e estagnado que oprime o oprimido (mulheres) fazendo refém do medo e cria um cardápio de ações e pensamentos que são “permitidos”, e outro que não são, para de maneira nada rasa e singela controlar a maneira como se comportam as mulheres nessa sociedade machista e opressora (Beauvoir, 1970).

Já os homens não detêm do mesmo que as mulheres nessa sociedade. São tratados como superiores, como donos das mulheres, podem dar ordens e serão atendidos com maestria, podem questionar e pensar “fora da caixa”, podem refletir absurdos e nunca serão questionados de sua intelectualidade. Como pontua Schiebinger (2001), romantizarão os valores tradicionalmente associados à mulher, que deixa escapar a oportunidade de discutir os estereótipos masculinos enquanto práticas dominantes e lugar do poder em uma sociedade androcêntrica. São colocados em cargos de poder por outros homens, pois o patriarcado também lhes dá o poder de poderem decidir suas vidas e

a dos outros. Grande parte disso se dá da falta de mulheres em cargos públicos de poder, como da política, explica a própria Procuradoria especial da mulher que:

O poder é um domínio ainda ocupado hegemonicamente por homens, campo no qual não há representatividade feminina de fato, dada a exiguidade de posições efetivamente ocupadas por mulheres. Em outras palavras, o poder sobre as decisões públicas, que deveria ser neutro em relação a gênero, é marcadamente masculino, o que resulta em pouca sensibilidade no mundo político diante de assuntos importantes para a qualidade de vida das mulheres. E, por outro lado, abala a representatividade das instituições políticas nas quais são tomadas as decisões que afetam a vida da nação (Procuradoria Especial da Mulher, 2021, p.17).

As mulheres assim são colocadas como servas dos homens, tanto na nomenclatura política de poder, quanto também inconscientemente trabalham para servir em seus lares. A mulher, assim, acaba deixando suas vontades e sonhos aquém em segundo plano da realização pessoal. Assim, os estudos e sua profissionalização não são colocados como “importantes” para ser uma mulher feliz e realizada na sociedade, ou mesmo “de família”, pois mulheres detém sua importância no outro e nunca somente em si mesmas, são como “café com leite” em suas próprias vidas, como se só tivessem valor acompanhadas de um homem. Conforme Schiebinger (2001),

Ao definir por que as mulheres não deveriam fazer ciência, os complementaristas não estavam definindo tanto as mulheres como o que era não-científico. As mulheres - como representantes da vida privada - eram repositórios para tudo o que não era científico: numa era científica as mulheres deviam ser religiosas; numa era secular elas deviam ser as guardiãs da moral; numa sociedade contratual elas deviam fornecer os laços do amor. Os complementaristas concebiam a feminilidade como um contrapeso necessário à masculinidade: cada gênero era incompleto em si, mas juntos eles constituíam um todo operável. (Schiebinger, 2001, p.56).

Reflete por essa análise também o livro “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, que descreve que “o ser mulher” é uma construção sociocultural em que a mulher é representada como esteio, como o outro em contraposição com os homens que são considerados nessa sociedade patriarcal como o sujeito absoluto (Beauvoir, 1970).

Elas (mulheres) são construídas desde muito pequenas como cuidadoras do outro, seja com as bonecas, panelas e casinha, ganhando sempre trabalho e mais trabalho do lar, de cuidados de base familiar. Já os meninos são colocados à diversão, como brincar de carros e barcos, donos de avião e etc. Como também explica Cravo (2006), que:

As crianças aprendem desde cedo que existem homens e meninos, mulheres e meninas e recebem compreensão sobre seu gênero pelos gestos, vozes, escolha dos

brinquedos, das brincadeiras e das roupas que devem usar e que são colocadas como corretas e erradas de uso. Ao mesmo tempo, aprende, também, o significado das palavras, a interpretação que os outros atribuem, ou seja, a semântica dos termos: homem/menino e mulher/menina (Cravo, 2006, p. 34).

Quando essas mulheres chegam à fase adulta, na qual a cobrança de constituírem uma família é maior do que a de se formarem na universidade, acabam tendo dificuldades em ingressar. E, quando constituem família, ainda há a cobrança por parte da sociedade e da própria família que elas deem conta de trabalhar e cuidar do lar, embora na contemporaneidade há muitos avanços e conquistas nas áreas acadêmicas para a inclusão das mulheres na universidade, ainda se carrega a cultura do medo de refletir, pensar e questionar, ainda mais quando essas questionadoras e pensadoras são mulheres, se forem mulheres negras pior ainda nesse contexto patriarcal, são mais facilmente silenciadas, pontua no livro “Ensinando a transgredir”, Bell Hooks (1994).

Bell Hooks (2018), descreve sobre a importância de se pensar a realidade das mulheres em suas vivências e correlaciona a violência e opressão sofridas pelas mulheres ao patriarcado construído na sociedade. A autora destaca que o patriarcado impõe de certa forma uma violência simbólica para ambos os gêneros, pois impõe que os homens sejam opressores e que as mulheres sejam oprimidas, de modo que a sociedade perpetue, de forma injusta e ameaçadora, esse tratamento às mulheres. A sociedade capitalista em si, tem com o patriarcado um pacto, como se utilizasse do mesmo como base para se perpetuar dentro da sociedade, como uma âncora que segure sua estrutura de poder intacta.

Um dos principais fatores que levam a repensar sobre as vivências dessas mulheres acadêmicas na universidade está no fator predominante de ocupação do espaço pedagógico majoritariamente feminino. Embora levando em consideração que há um grande aumento da presença das mulheres nas universidades no Brasil, como apontado nas pesquisas de Moreira, Mattos, Reis (2014), ainda há espaços vagos para elas nos cargos de maior valia. Conforme Bourdieu (2018) já havia descrito em seu livro “A dominação masculina”, embora as mulheres estejam caminhando para uma igualdade de gênero em espaços como o universitário, ainda há de se notar que, conforme o cargo exige mais qualificação e emprega mais poder, mais difícil é de se ver mulheres o ocupando, e isso fica mais escasso quando falamos em relação a mulheres pretas, pardas, amarelas e indígenas.

3 METODOLOGIA

A abordagem que utilizamos foi de uma pesquisa qualitativa. Foi desenvolvida a pesquisa para a coleta de informações e dados na Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus de Sinop, especificamente no Curso de Pedagogia. Fizemos um levantamento de dados utilizando um questionário com 13 alunas do curso de pedagogia da universidade, de variados semestres do curso. Para efetuarmos a coleta de dados devido a pandemia da Covid19, fizemos o questionário *online* via a ferramenta digital do “WhatsApp”, pois, no momento da realização do questionário, as aulas eram realizadas *online*, via ferramentas digitais como “Google Meet” e o “Zoom”, devido ao isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19.

No questionário, foram abordadas perguntas sobre as vivências cotidianas das mulheres acadêmicas do curso de Pedagogia, analisando as respostas e reflexões ocorridas durante a pesquisa, destacando-se suas mudanças cotidianas devido a Pandemia do Covid19. Após a realização das entrevistas, refletimos sobre o contexto pandêmico com as ferramentas utilizadas por mulheres no contexto digital, e as dificuldades de adequação e equilíbrio pessoal e profissional nesse período da experiência acadêmica durante a pandemia.

4 QUEM SÃO ELAS?

Na pesquisa, a primeira pergunta foi se permitiriam a participação na pesquisa, e todas responderam que sim. A segunda pergunta foi relacionada à profissão de cada acadêmica, e se alguma se encontrava desempregada. Assim, foram apresentadas as seguintes respostas descritas no quadro a seguir:

Quadro 1– Acadêmicas e suas profissões

Acadêmica	Profissão
Abacate	Zeladora
Banana	Estagiária
Cereja	Diarista
Damasco	Técnica administrativa
Espinafre	Secretaria
Framboesa	Do lar
Goiaba	Recepcionista
Horta	Porteira
Ingá	Estagiária
Jambu	Atendente
Cacau	Trabalha com financeiro
Limão	Manicure

Fonte: elaborado pela autora (2023).

A vida profissional das acadêmicas de pedagogia acaba sendo diversificada. Quando se trata de trabalhar para fora de casa, 95% das mulheres responderam que estão trabalhando. Grande parte trabalha em empresas privadas ou mesmo em casas de pessoas físicas como diaristas. As entrevistadas, nesse sentido, dependem do serviço para a sua sobrevivência e de sua família, nem mesmo as que estão casadas estão desempregadas para “servir ao lar”, como a história e a sociedade impunha como as

obrigações de uma “dama” no período colonial. Mas essas mudanças não vieram de graça, ou pela misericórdia de “homens bons”, mas sim de uma luta pela liberdade de ser dona de si, e por vezes uma luta pela própria vida, constantemente. O que estudantes acadêmicas conseguiram hoje, tem um contexto histórico de grandes mulheres que, como elas, não desistiram de si.

Mesmo no período pandêmico, diversas dessas mulheres encontraram forças para continuação dos estudos e, mesmo trabalhando dentro e fora de casa, essas mulheres mantêm uma rotina organizada e pesada de afazeres que as transformam em sobreviventes não só por conta da pandemia em si, mas pela pressão vivida nessa sociedade capitalista patriarcal.

Perguntamos também sobre a idade das acadêmicas, e descobrimos que 80% das acadêmicas de pedagogia da UNEMAT possuem idade acima dos 32 anos. Entendemos que em relação aos estudos, essas mulheres tiveram que esperar a vida pessoal e profissional ter alguma estabilidade, para que as mesmas pudessem ingressar na universidade, afinal, os cuidados com a base ainda são colocados como obrigação das mulheres, e não dos homens.

Nessa pesquisa também descobrimos que a maior parte delas (acadêmicas de pedagogia) possuem filhos, e que há uma relação em que a essas mulheres são impostas ainda as obrigações de cuidados do lar e dos filhos. Ao engravidarem, acabam tendo em contraponto por vezes as responsabilidades acadêmicas e de trabalho, sobrecarregando-se de trabalhos domésticos, pois a sociedade capitalista descreve a mulher como cuidadora do lar, transformando-a em prisioneira da “moral e dos bons costumes” sociais enraizados ainda no mundo do patriarcado. Sobrecarregadas de trabalhos da faculdade, de casa, do trabalho remunerado, pressão familiar, pressão social, essas mulheres acabam sendo motivadas a desistirem do curso, ou mesmo reprovando em diversas disciplinas, causando assim um atraso na conclusão de sua graduação.

Nesse estudo foram também questionadas as mudanças e dificuldades que elas haviam enfrentado com as vivências da pandemia em suas vidas. Das 13 acadêmicas entrevistadas, somente uma respondeu não ter tido grandes dificuldades e mudanças em sua vida devido a pandemia. Já as outras 12 responderam problemas de ordem emocional. Entre elas, algumas citaram os empregos e a dificuldade em sobreviver com seus salários e o grande aumento do preço dos alimentos, energia e água. A maioria respondeu ter tido alguma perda pessoal por conta da doença, seja da saúde de si mesma, seja pela morte e perda da saúde de entes queridos.

5 PORQUE INCOMODAM?

As mulheres na educação sempre fizeram um certo “barulho” somente por estarem em um lugar de “não pertencimento” das mesmas, no caso da universidade historicamente foram postas como quietas e recatadas, sem refletir, sem pensar e sem questionar as violências simbólicas sofridas na sociedade, seja de silenciamento ou mesmo de imposições referidas a elas, as mulheres acadêmicas hoje mesmo com todos os avanços na igualdade de gênero dentro das universidades, ainda incomodam quando ocupam um determinado poder de fala. Como dizem alguns estudiosos como Bourdieu, a educação não se faz neutra, ela é como reprodutora de uma grande fábrica de continuidade da

sociedade capitalista patriarcal, ela é como a fortaleza que cuida para que tudo continue como a sociedade deseja.

Refletindo sobre isso, podemos pensar que a sociedade patriarcal detestaria ver o patriarcado extinto, e assim pensamos que quanto mais mulheres tiverem o livre acesso e a condição de continuidade de formação acadêmica e profissional nos espaços de poder, menores são as chances de o patriarcado continuar intacto. Porém, se pensarmos que a educação é reprodutora da sociedade, podemos assim dizer que mesmo com o livre acesso e permanência de mulheres na universidade, ainda assim elas seriam ensinadas como ser “elas mesmas” e como serem “mulheres de verdade” a partir da concepção dessa mesma sociedade capitalista patriarcal, como se fossem só meros números em uma universidade. Mesmo em um curso tão político e democrático quanto Pedagogia, ainda há muito o que ser feito para que a igualdade de gênero possa ocorrer com maestria.

Essas mulheres incomodam na universidade em si, pois carregam consigo não somente a si mesmas, mas toda uma estrutura familiar, muitas mulheres, por não conseguirem quem as ajude a cuidar de seus filhos menores, acabam levando-os para os espaços universitários, as crianças acabam por fazer parte de uma sala de aula onde não há qualquer suporte por parte da universidade para com essas crianças, e a universidade não dando o suporte a essas crianças, acaba de certa maneira ignorando um problema que existe dentro da sua estrutura acadêmica que reproduz as injustiças causadas pelo patriarcado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a grande maioria das acadêmicas são mães e acabamos descobrindo que grande parte das mulheres trabalham para fora em empresas privadas ou mesmo em casas como domésticas e diaristas. A universidade, em si, não escapa das influências enraizadas do patriarcado na sociedade, pois a universidade se constitui de muitas mulheres acadêmicas, em sua estrutura política. Isso faz com que o pouco poder que as mulheres obtêm em representar a maioria de alunas do curso de Pedagogia caia por terra, em debates e negociações com a coordenação pedagógica e direção do campus, os problemas enfrentados com a dificuldade dupla de ser mulher universitária acaba sendo desprezada e inviabilizada de maneira simbólica.

Conclui-se que se homens fossem vistos como domésticos e donos do lar, e se trabalhassem com os cuidados dos filhos como as mulheres cuidam, a universidade teria criado uma bolsa creche para os filhos dos mesmos, ou então teriam criado uma escola para cuidar e ajudar os universitários que possuíssem filhos.

A sociedade ainda impõe esses cuidados e responsabilidades as mulheres e elas darem conta de serem acadêmicas, mães, filhas, trabalhadoras não remuneradas em suas casas, trabalhadoras remuneradas fora de casa e ainda assim não desistirem do curso.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos.** (Tradução Sérgio Milliet) São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: DIFEL, 1989.
- CRAVO, Aléssia Costa De Araújo. **Brincadeiras infantis e construção das identidades de gênero.** Salvador-Bahia: p. 121, 2006.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras.** Ed: Rosa dos tempos, 15. ed, p. 175, Rio de Janeiro, 2018.
- MOREIRA, Josilene Aires, MATTOS, Giorgia de Oliveira e REIS, Luana Silva, **Um Panorama da Presença Feminina na Ciência da Computação.** 18º REDOR, p. 3542, Recife-PE, 2014.
- PEREIRA, Ana Cristina Furtado; FAVARO, Neide de Almeida Lança Galvão. **História da mulher no ensino superior e suas condições atuais de acesso e permanência.** p. 5542, Paranavaí: UFPR, 2017.
- PROCURADORIA ESPECIAL DA MULHER, **Mais mulheres na política,** p. 76, Brasília: Senado Federal, 2021.
- ROCHA, Bruna Beatriz Da, QUINTÃO, Gustavo Ferreira. **A educação em tempos de pandemia: transformações no ensino devido ao novo coronavírus.** CIET, EnPED. p. 10, 2020.
- SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** São Paulo: EDUSC, 2001

Recebido em: 6 de novembro de 2024.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2024.

<https://doi.org/10.30681/reps.v15i3.11983>

¹ **Bruna Ribeiro Navarro Zanato.** Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), semestre 2023/2. Sinop, Mato Grosso, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1808-1361>

E-mail: bruna.zanato@unemat.br